

A questão da eternidade do mundo foi abordada pelos principais filósofos do século XIII. Apesar de suas peculiaridades internas, as escolas franciscana, representada por São Boaventura, e secular, representada por Sigério de Brabante, tomaram posições opostas com relação a esse tema: os primeiros pretenderam ter demonstrado que o mundo começou, ao passo que os segundos pretenderam ter demonstrado sua eternidade.

Isso em vista, a presente pesquisa objetiva compreender o pensamento de Tomás de Aquino no que concerne a tal polêmica, recorrendo principalmente ao opúsculo *De Aeternitate Mundi* e a *Suma Theologica* (q. 46). Para isso, toma-se como pano de fundo a recepção das idéias aristotélicas no ocidente e busca-se, em última instância, a compreensão do caminho percorrido pelo argumento contido no livro VIII da Física de Aristóteles, onde teria, supostamente, defendido a necessidade da eternidade do mundo e o qual suscitou uma miríade de interpretações sobre o tema.

Sendo o aquinense por vezes visto, “simplesmente”, como um cristianizador de Aristóteles ou como defensor, acima de tudo, da fé cristã, é surpreendente seu esforço patente de ir até o que julga ser o limite da racionalidade humana e por conseguinte, rejeitar aquelas duas posições antagônicas defendendo que esse tema não é passível de demonstração, sendo unicamente matéria de fé. Desta forma, pretendemos mostrar como o filósofo procura justificar essa impossibilidade. Para tanto, inicialmente, será feita uma reconstrução de sua argumentação. Depois, através disso, buscaremos clarificar qual era o papel atribuído à razão humana no conhecimento, para então, posteriormente, averiguar, tendo em vista sua leitura de Aristóteles, suas possíveis influências.